



MASCULINIDADES: NARRATIVAS EM VÍDEOS DE ALTA VISUALIZAÇÃO NA PLATAFORMA YOUTUBE

Masculinities: narratives in high visualization on Youtube

Frederico Rodrigues Gonzaga¹

Tatiana Benevides Magalhães Braga²

Marciana Gonçalves Farinha³

RESUMO

Este artigo investigou os discursos sobre masculinidades proferidos por homens cisgêneros e heterossexuais na plataforma *youtube*. Para tanto, realizou uma busca, a partir das palavras-chave “ser homem” e “masculinidade”, dos vídeos mais visualizados, sendo os achados organizados em quatro categorias: orientação religiosa, afirmação da masculinidade tradicional com base no darwinismo social, desconstrução da masculinidade tradicional e crítica cultural. Os dados apontam maior público em vídeos voltados ao padrão tradicional de masculinidade e uma relação entre tal conteúdo e instituições religiosas ou de mercantilização de modelos de comportamento. Já vídeos sobre novos modelos de masculinidade aparecem mais ligados a produtos culturais. Todos os vídeos foram produzidos pela sociedade civil e alguns vídeos sobre masculinidade tradicional usam distorções relevantes de conhecimentos científicos. Conclui-se pelo impacto social dos discursos sobre masculinidade no contexto digital, sendo esse um campo de pesquisa relevante, bem como pela necessidade de se abordar relações de gênero em políticas públicas de campos como saúde, educação e justiça.

Palavras-Chave: masculinidades; internet; gênero.

ABSTRACT

This article investigated the discourses about masculinities given by cisgender and heterosexual men in the digital platform Youtube. To this end, it carried out a search, based on the keywords “being a man” and “masculinity”, of the most viewed videos on the YouTube platform. Four categories of videos were organized: religious orientation, affirmation of traditional masculinity based on social Darwinism, deconstruction of traditional masculinity and cultural criticism. The data point to a greater audience for videos focused on the traditional pattern of masculinity and a relationship between such content and religious institutions or the commodification of behavior models. Videos about new models of masculinity appear more linked to cultural products. All videos were produced by civil society and some videos about traditional masculinity use relevant distortions of scientific knowledge. It concludes by the social impact of discourses on masculinity in the digital context, which is a relevant field of research, as well as the need to address gender relations in public policies in fields such as health, education and justice.

Key Words: masculinities; internet; gender.

¹ Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: fred.rgonzaga@gmail.com

² Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: tatibmb@gmail.com

³ Instituto de Psicologia – UFU. E-mail: marciana@ufu.br

Introdução

O tema das masculinidades integra os estudos de gênero e congrega estudos transdisciplinares, devido a seus desdobramentos nas relações humanas (BOTTON, 2007). A necessidade de ressignificar a masculinidade emergiu sob a influência de processos históricos e sociais, incluindo reestruturações do capitalismo em termos de distribuição laboral, de poder político e econômico, gerando novos arranjos dos papéis sociais, a ascensão do movimento feminista (MÉNDEZ, 2011) e, posteriormente, dos movimentos LGBTQIA+ (OLIVEIRA; PICHLER; CANABARRO, 2012).

O tema das masculinidades foi analisado de modo incipiente, nas décadas de 1950 e 1960 apenas sob o viés da crítica à ideia tradicional, patriarcal e machista de masculinidade, que tomava a natureza como justificativa para atribuir-lhe predicados como dominação, violência, racionalidade e autodeterminação (BOTTON, 2007). Tais estudos ganharam profusão nas décadas de 1970 e 1980, sobretudo em países anglo-saxões (BOTTON, 2007), ainda abordando as imagens do masculino e suas implicações nas desigualdades de gênero (MEDRADO; LYRA 2008). Com o aprofundamento das discussões sobre gênero e suas categorizações, sobretudo a partir da década de 1990, houve uma reformulação dos estudos que levou à construção do conceito de “masculinidades” como campo amplo e plural, em contraposição à categoria de homem no singular, que denotava um olhar mais essencialista (BATISTA; LIMA, 2017).

Assim, a análise das masculinidades vem considerando diversas outras dimensões, tais como condições sociais, históricas e políticas, levando a uma recente abordagem de sua formação multidimensional (BOTTON, 2007). Estudos e problematizações sobre a desigualdade de gênero vêm contribuindo para um cenário de mudanças nas narrativas sobre o masculino e levando os homens a se verem muitas vezes obrigados a reconstruir sua masculinidade e criar novos referenciais (GIDDENS, 1993). A produção no campo das masculinidades vem traçando nas últimas décadas alguns objetos específicos, destacando-se: organização social das masculinidades, expressão de identidades de gênero no âmbito das masculinidades, masculinidades compreendidas no âmbito das interações sociais que envolvem as relações de gênero e compreensão dos dispositivos institucionais em torno das masculinidades (MEDRADO; LYRA, 2008).

Na socialização ligada à produção das masculinidades, Bourdieu (2010) descreve



um esforço constante dos homens para performar o padrão de virilidade em aspectos físicos (altura, força) e atitudinais (violência, competitividade, rebaixamento das mulheres), num processo em que a pressão por adequar-se ao padrão de homem os torna “dominados por sua dominação”. Esse padrão não se pauta em um atributo intrínseco da masculinidade, mas em uma construção social de significados partilhados pelos indivíduos que exercem proeminência no padrão do masculino, criando hierarquias das masculinidades com categorias hegemônicas e subalternas conforme se adequem ao modelo dominante (WELZER-LANG, 2001). Este fenômeno se conecta ainda a processos históricos de colonização, que alçaram os homens no topo da ordem social ao ideal de masculinidade e hegemonia, tornando-os modelos de virilidade aos demais. Masculinidades negras, pobres e desempregados, por exemplo, ainda que tenham uma posição de dominação sobre as mulheres da mesma classe social, sofrem um processo de exclusão e precariedade nas relações sociais. Assim, na complexidade social, os lugares do feminino e do masculino não se mostram estanques, mas encontram interseccionalidades de classe, raça, nacionalidade, orientação sexual, etc.

Welzer-Lang (2001) e Bourdieu (2010) destacam rituais sociais de constituição do masculino. Welzer-Lang (2001) denomina “casa dos homens” os ambientes de homosociabilidade distantes do olhar da mulher, nos quais a cumplicidade entre homens cria dispositivos que perpetuam a dominação masculina via espaços, práticas e simbolizações exclusivamente masculinos, nos quais os homens são orientados sobre o agir social de modo a aproximar os ingressantes do ideal de masculinidade do grupo e repudiar o considerado feminino. Nesse cenário, há uma cumplicidade inerente ao grupo em que cada homem é, ao mesmo tempo, iniciado e iniciador e, condutas divergentes implicam retaliações em diferentes níveis, levando até mesmo à exclusão e equalização à condição da mulher, considerada inferior (WELZER-LANG, 2001). Entre tais práticas iniciáticas, há diversos rituais: metáforas e expressões pejorativas que insinuam um papel passivo, rompimento simbólico com a mãe, passagem para o mundo adulto pautada em provas de força e coragem, inscrição de ícones baseados na virilidade, lutas corporais e espaços esportivos e outras práticas associando competitividade, violência e negação da dor à masculinidade. Algum desses rituais na cultura contemporânea, podem gerar efeitos sobre questões como a violência urbana e a saúde como por exemplo a violência em competições esportivas e o consumo abusivo de álcool e os índices suicídio (ZANELLA,



2011).

Para Zanello (2018), a subjetivação da masculinidade brasileira é constituída no imperativo e no negativo. No aspecto imperativo, opera o dispositivo da eficácia, em que homens inseridos na casa dos homens ratificam a masculinidade buscando provar sua potência. No aspecto negativo, opera a negação de qualquer conduta atrelada ao feminino, implicando constante vigilância comportamental entre homens e objetificação sexual das mulheres. Um homem considerado mais afetivo ou que não imponha objetificação sexual é negado pelos demais, rebaixado à categoria da mulher, o que confere caráter misógino à masculinidade cobrada (ZANELLO, 2018). Os dispositivos da masculinidade geram o embrutecimento (ZANELLO, 2018), pelo qual, no decurso das inscrições do padrão de masculinidade, o sujeito passa a não se permitir sofrimentos ou afetos mais elaborados, como modo de garantir a impenetrabilidade afetiva e sexual constituinte do masculino, relegando a passividade afetiva e sexual ao feminino. Atua ainda como dispositivo de eficácia a cumplicidade entre homens, seja pelo silenciamento sobre a dinâmica da dominação, seja pela ameaça velada de exclusão diante da aproximação de uma condição mais feminina de existência (ZANELLO, 2018).

Os estudos visam ainda compreender como operam na estruturação das relações de gênero os mecanismos institucionais, que são práticas sociais normatizadas como a melhor forma de viver em detrimento de outras, reproduzindo categorias de gênero engessadas, com base na matriz heterocisnormativa (BUTLER, 2003). A institucionalização do sexo biológico em esferas como sistema jurídico, educação, saúde, lazer, referências estéticas e midiáticas, organização urbana, etc, naturaliza processos sociais promotores da desigualdade de gênero, obrigando os sujeitos a performar comportamentos conforme a organização arquitetônica, jurídica, estética e outras predefinidas.

Por fim, o estudo das expressões de gênero na esfera das masculinidades se refere ao modo como homens compreendem e manifestam suas identidades de gênero. Em pesquisa de Goldenberg (2005), por exemplo, homens consideraram bons atributos masculinos aspectos como prestígio, inteligência, independência, poder, condição financeira, altura, corpo atlético, bem como mostraram preocupação com o tamanho do pênis como símbolo de potência e virilidade, referindo aspectos da masculinidade



hegemônica associados a campos importantes do adoecimento masculino, como em casos de vigorexia.

Assim, diversos estudos apontam padrões de masculinidade ligados ao exercício da dominação na organização social, abrangendo relações interpessoais, estruturas institucionais, práticas educacionais, discursos culturais e midiáticos, etc. (KIMMEL, 1998). Tais padrões implicam não apenas violência de gênero na relação entre homens e mulheres e entre masculinidades hegemônicas e subalternas, mas ainda desafios à saúde e à subjetividade dos próprios homens. Para Santos e Castejon (2016), o padrão tradicional da masculinidade implica silêncio e isolamento travestidos de autossuficiência, levando a sofrimento psíquico e condutas suicidas. Entre homens não heterocisnormativos, tal quadro é agravado pelo medo de retaliações a condutas não aceitas socialmente. A demonstração de força e competitividade também atua como preditor de sofrimento psíquico, associada à menor procura por cuidados em saúde e maior incidência de violência, alcoolismo, acidentes de trânsito e suicídio, com predileção por formas mais violentas, evitando fracasso na tentativa, para o qual seria atribuída falta de coragem e não virilidade (ZANELLO, 2018).

No processo histórico de transformação das relações de gênero emergiram a partir dos anos 60 os primeiros sinais dos novos homens no Movimento da Contracultura, em que os papéis ligados às identidades estavam sendo questionados (NOLASCO, 1995). O reposicionamento histórico do masculino e do feminino (GIDDENS, 1993) demandou dispositivos conceituais para a masculinidade dominante e para novas masculinidades. Carrigan, Connell e Lee (1985) elaboraram a noção de “masculinidade hegemônica”, englobando e sistematizando as relações de poder nos contatos entre homem e mulher, bem como entre masculinidades dominantes e subordinadas.

As mudanças sociais que colocam em xeque o modelo tradicional de masculinidade levam a reações contrárias, mas também abrem espaço para a criação de novas formas de ser masculino, compondo um campo complexo para os processos de subjetivação da masculinidade contemporânea. Apesar dos avanços, tal processo traz conflito identitário e sofrimento emocional, tanto pela falta de novas referências para “ser homem” (GIDDENS, 1993) quanto por reações de marginalização e retaliação sofridas na socialização masculina que problematiza a masculinidade hegemônica (ZANELLO, 2018). Nesse cenário, alguns homens buscaram se organizar com seus pares quando



confrontados com o questionamento sobre “o que é ser homem hoje”. Méndez (2001) define cinco categorias de movimentos protagonizados por homens, sendo dois voltados à problematização e três voltados à afirmação de papéis tradicionais de gênero e masculinidade.

O movimento de Direito dos Homens busca a manutenção do modelo tradicional de gênero e defende direitos igualitários de parentalidade, alistamento militar, aposentadoria, entre outros. Embora discuta aspectos da divisão do trabalho baseada em gênero, ele não aborda a influência do binômio cuidadora/provedor nestas pautas, que abarca aspectos como a dupla jornada feminina associada culturalmente ao papel da mãe e a produção histórica do lugar masculino no serviço militar (MÉNDEZ, 2001).

Já no movimento Mitopoético, homens mormente brancos e heterossexuais advogam pelo resgate de uma suposta “energia masculina” e da masculinidade baseada na figura do herói, pai provedor e líder/protetor dos grupos sociais, simbolizada em elementos mitológicos, culturais, religiosos, etc. Para Méndez (2001), tal vertente surge no conservadorismo estadunidense da década de 1980 como resposta a avanços dos movimentos feministas na década de 1970 e não se opõe a conquistas na esfera da igualdade civil, tal como o direito ao voto e ao trabalho, mas advoga por práticas tradicionais no campo simbólico e relacional, resistindo a mulheres em papéis de liderança e vida pública. Por fim, o Fundamentalismo Masculino (MÉNDEZ, 2001) pauta-se na masculinidade hegemônica, é ligado à direita ultraconservadora, perpetua a dominação e privilégios masculinos e rejeita o feminismo. Embora tal divisão auxilie para fins didáticos, pode haver traços de vertentes diversas na mesma experiência. Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) apontam no grupo “Guerreiros do Coração” aspectos do Movimento Mitopoético e das Terapias da Masculinidade, pois tanto pautam a ideia de essência masculina quanto debatem rearranjos mais saudáveis para seus membros nas questões de gênero.

Para Soares, Chamusca e Ferreira, (2020), novas tecnologias de comunicação, especialmente mídias audiovisuais como o *YouTube*, têm um papel central nas novas configurações de subjetivação e construção identitária dos sujeitos, inclusive de novas masculinidades. Assim, é na perspectiva da dimensão alcançada pela disseminação dos discursos virtuais e pela atualidade da questão das novas masculinidades que o presente



trabalho investigou as narrativas espontâneas construídas em torno de novos modos de representação do masculino, buscando compreender suas potencialidades, dilemas, conflitos e processos de diferenciação/reprodução das representações tradicionais sobre o masculino.

Método

Essa pesquisa investiga discursos de homens heterossexuais frente às representações sobre a masculinidade no contexto virtual. Adota metodologia qualitativa, tendo como campo de pesquisa a plataforma *Youtube*, na qual foram identificados conteúdos sobre representações da masculinidade no atual panorama de reconstrução das significações sobre o masculino. Silva (2015) apresenta como aspectos do ciberespaço como ambiente de pesquisa a utilização de novas linguagens, signos e códigos compartilhados pelos membros, demonstrando formas específicas de interação.

Ferro (2015) salienta que o estudo de comunidades culturais virtuais não possui local físico fixo, porém não despreza a basilar influência cultural e local na interação virtual das pessoas, presente nos modos de agir e pensar. Por outro lado, os próprios ambientes virtuais são também diversos, havendo espaços nos quais um grupo relativamente seleto de membros está em interação, tais como comunidades de participação restrita, espaços abertos frequentados por grupos específicos, tais como fóruns de discussão temáticos e espaços abertos cuja manifestação é pública e visível a todos os que encontram o conteúdo, tais como comentários em notícias de jornal ou plataformas de vídeo. Na presente pesquisa, os dados foram colhidos em ambientes virtuais de interação pública.

Existem diversas metodologias de pesquisa voltadas à cibercultura, que analisam dados visando assimilar e representar um fenômeno observado em redes virtuais, em estudos sobre fóruns, plataformas de vídeo, sites, *blogs*, etc (SILVA, 2015). Silva (2015) relata três tipos de dados virtualmente produzidos: arquivais, que caracterizam material pronto produzido por sujeitos, dados oriundos da interação on-line entre pesquisadores e participantes, como em um fórum, e por fim dados produzidos em anotações e análises do pesquisador, como um diário de campo de interações virtuais. Optamos por tratamento de dados arquivais, previamente veiculados de maneira espontânea pelos produtores de conteúdo da plataforma social.



Como material de pesquisa, foi utilizado um computador conectado à internet, com navegador *Google Chrome*, versão 86.0.4240.183, acessado via aba anônima em setembro de 2020, sem o login de nenhuma conta, para que qualquer informação outrora pesquisada fosse desconsiderada por mecanismos de busca. Foram utilizadas as palavras-chave “ser homem” e “masculinidade”, como expressões generalistas que descrevessem representações sobre a masculinidade, sendo desprezadas propagandas. Utilizou-se a plataforma *YouTube*, que não mostra o número de respostas encontradas, porém possui a ferramenta “Filtro”, que oferece as seguintes opções: “Data do *Upload*”, “Tipo” (Canal, filme, programa), “Duração” (em minutos), “Características” (técnicas, como qualidade de resolução) e por fim “Classificar por”, em que temos as opções “Relevância”, “Data de Envio”, “Contagem de Visualizações” e “Classificação”. Ao realizar uma busca, o *YouTube* considera os termos usados, o histórico de pesquisa, os vídeos mais acessados com conteúdo relacionado às palavras-chave, os mais relevantes (em número de comentários), melhor avaliação e perfis próximos ao usuário (CREATORS, 2017), buscando fornecer um conteúdo alinhado aos interesses do usuário e com isso engajá-lo cada vez mais.

Para a presente pesquisa optamos por considerar como critério o alcance efetivo de um conteúdo em relação ao público. Desse modo, foi selecionado o número de visualizações nas configurações de pesquisa, considerando que vídeos com maior alcance ilustrariam uma representatividade maior do interesse dos usuários. Como mecanismo de pesquisa do *YouTube* não oferece o número de vídeos em cada palavra-chave, optamos por utilizar como primeiro filtro o mínimo de 90.000 visualizações alcançadas e, a partir desse critério, encontramos 70 vídeos para a palavra-chave “ser homem” e 76 vídeos para “masculinidade”.

Na etapa seguinte da pesquisa, foram analisados os cinco vídeos de maior visualização para cada palavra-chave, com intuito de verificar significações e representações do masculino mais veiculadas no *YouTube*. Foram excluídos vídeos apresentados por mulheres, cujos apresentadores se declarassem homossexuais ou transexuais ou que mostrassem expressão de gênero claramente ligada a aspectos considerados femininos. Foram também excluídos vídeos com conteúdo humorístico e lúdico como principal teor, visando incluir vídeos em que a masculinidade fosse foco



importante e se observasse a proposta/defesa de uma performance de masculinidade, analisando-se aspectos e implicações das representações de masculinidade apresentadas.

O material então obtido foi analisado em perspectiva hermenêutica, buscando identificar possíveis representações de masculinidade presentes nos vídeos e suas articulações com discursos históricos e práticas sociais que atravessam a formação das masculinidades. Considerou-se aspectos como veiculador do vídeo, principais temas e diferenças do conteúdo em relação à palavra-chave buscada. A análise assim orientou-se pelo sentido dado ao masculino, sendo elaboradas quatro categorias: orientação religiosa, afirmação da masculinidade tradicional com base no darwinismo social, desconstrução da masculinidade tradicional e crítica cultural.

As categorias de orientação religiosa e crítica cultural tiveram como critério o fato de que a representação da masculinidade é construída a partir de um elemento cultural intermediário, o discurso religioso ou produto cultural comentado. A elaboração de tais categorias é reforçada pelo fato de que não houve, entre os vídeos analisados, outro tipo de elemento utilizado como veículo intermediário além do discurso religioso e de obras culturais. As duas outras categorias se referem a associações a elementos históricos conhecidos no campo de produção de discursos sobre o tema: a biologização de aspectos socialmente vinculados à masculinidade e as tentativas recentes de crítica aos discursos tradicionais sobre as masculinidades.

Resultados e Discussão

Os vídeos de orientação religiosa incluíram duas produções que reforçam a masculinidade tradicional: “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)” (2.751.971 visualizações, comentários desativados) e “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?” (canal Padre Paulo Ricardo, 509.965 visualizações, comentários desativados). Todos os vídeos do grupo são cristãos e nenhum questionou a masculinidade tradicional, corroborando a influência de religiões cristãs na produção desse padrão ao naturalizar valores na dicotomia masculino/feminino e vigiar práticas sexuais tidas como contrárias à vontade divina (BOURDIEU, 2010).

Na categoria darwinismo social, situam-se os vídeos “Aprenda a ser um Homem de Verdade” (1.444.307 visualizações, 1141 comentários, canal Fábrica de Motivação), “Como ser um macho Alpha” (436.047 visualizações, 536 comentários, canal Alphalife),



“É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem” (423.782 visualizações, 794 comentários, canal Ítalo Ventura). Todos reforçam a masculinidade tradicional e oferecem “dicas”, dois dizendo como homens devem agir e um dizendo como mulheres devem conquistar o amor de homens.

Na categoria desconstrução da masculinidade tradicional, dois vídeos do canal Manual do Homem Moderno apresentam “dicas” com viés humorístico: “Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)” (680.135 visualizações; 2.379 comentários) e “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro” (649.057 visualizações, 1157 comentários). Ainda nesse grupo, o documentário “O silêncio dos homens” (1.171.175 visualizações, 4.320 comentários, canal PapodeHomem), aborda dificuldades relacionais de homens adultos socializados na masculinidade tradicional. Na categoria crítica cultural, os vídeos “A saudável masculinidade de Brooklyn Nine Nine” (519.447 visualizações, 4320 comentários, canal Entreplanos), e “A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão” (433.918 pessoas e 2394 comentários, canal Leo Hwan) utilizam obras da indústria cultural para discutir padrões da masculinidade tradicional e novas masculinidades.

Discurso religioso

No vídeo “3 palavras que não devem ser ditas a um homem (Igreja Universal)”, um pastor afirma a casais que mulheres nunca devem dizer “eu te avisei” a um homem, pois isso feriria o “entendimento de que ele sabe o que está fazendo”, já que “orgulho” e “liderança” integrariam uma suposta “essência” masculina. O vídeo indica o papel crucial de algumas igrejas neopentecostais na hegemonia da masculinidade tradicional nesse campo religioso, reforçando estereótipos mitopoéticos (MÉNDEZ, 2001), a despeito da complexa intersecção de vertentes evangélicas, em que novas agremiações advogam direitos LGBTQIA+ e permitem o protagonismo de mulheres pastoras (ALENCAR, 2019).

O vídeo “Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?” integra o programa semanal do Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior, figura pública influente no ambiente sociopolítico brasileiro, atuando na “Rádio Canção Nova”, na televisão, em redes sociais e conferências no Senado Federal, Câmara dos Deputados e Câmara



Municipal de São Paulo. Ele divulga doutrinas católicas e representa a direita conservadora, combatendo o casamento gay, uma suposta ideologia de gênero e defendendo a família tradicional. DiMuccio e Knowles (2020) apontam a conexão entre conservadorismo político e defesa da masculinidade tradicional em pautas como pena de morte, intervenção militar e outros modos de uso da força. O vídeo ilustra assim a aliança entre dominação de gênero, conservadorismo político, legitimação do autoritarismo e violência institucional e social.

Portando-se como figura de autoridade doutrinária, o padre inicia pedindo inspiração divina e diz que responderá se novas masculinidades são “naturais” e “desejadas por Deus”. Os comentários do vídeo estão desativados, reforçando o caráter de voz única do padre. A seguir, ele cita o versículo “Sê corajoso, porta-te como homem” (I Reis 2,1-2) colocando a coragem como ideal de masculinidade definido por Deus e transmitida naturalmente de pai para filho na educação, em falas como “Seja homem” e “Engole esse choro”. Para o padre, a masculinidade tradicional seria necessária, pois o homem não surgiria “naturalmente”, mas “como esforço”, biológico, psicológico e espiritual. O vídeo constrói um dogma de direito universal, interpretando a masculinidade como casta superior dada pelo esforço para superar um feminino que não precisa afirmar-se. Para o padre, a “ideologia de gênero” tem mitigado essa masculinidade, a mulher, a família tradicional e a religião, num suposto projeto de controle social que subverteria “a ordem natural e divina das coisas”.

O vídeo distorce conceitos da embriologia, biologia e psicologia, justapondo a eles preceitos religiosos. Assim, a menina nasceria de um desenvolvimento embrionário “linear” (passivo), sendo preciso uma “revolução química” no embrião e, assim, “fatores de atividade” para nascer um menino. O padre afirma que isso ocorre “também psicologicamente”, já que em “animais mamíferos (...) a prole (...) fica do lado da mãe” e “as meninas (...) continuam do lado da mãe” em caráter passivo, enquanto “o menino precisa se afastar do mundo da mãe” para se tornar homem, exercendo “um esforço”, para não se tornar “menininha, (...) efeminado”. Assim, o padre conecta masculinidade ao padrão ativo e a subjetivação feminina à maternidade, dizendo que essa diferença é “desejada por Deus” e está no livro Gênesis.

O binômio passivo-feminino/ativo-masculino remete à constituição da subjetivação masculina brasileira no imperativo “ser homem é ser potente e eficaz” e no



negativo “ser homem é não ser uma mulherzinha” (Zanello, 2018). A ideia – sem nenhum embasamento científico – de que a masculinidade exige esforço de superação do feminino abrange tanto o elemento imperativo quanto o negativo: o “esforço” seria prova de potência e eficácia do masculino e, simultaneamente, negação de um feminino inferior porque carente de esforço. Assim, o discurso do padre legitima a altivez, historicamente atribuída aos homens (ZANELLO, 2018) e a dicotomia atividade/passividade como legitimadora de subalternidade feminina nas esferas sexual, social e política.

O padre também ataca novas masculinidades, que agiriam “contra a natureza” dos homens, abeirando-os do feminino no gosto por filmes românticos, contato com sentimentos e admissão de agravos de saúde mental, casos nos quais a virilidade correria “um sério risco”. A dicotomia ativo/passivo reincide no cuidado estético, colocando as mulheres como objeto do desejo masculino e privadas do próprio desejo. Segundo o padre, “a mulher quer ser desejada enquanto o homem deseja” e o metrosssexual opera a “destruição da masculinidade enquanto realidade” porque “quer ser desejado também”. Tal trecho remete à subjetivação amorosa na “prateleira do amor” (ZANELLO, 2018) pela qual as mulheres são socialmente levadas a viver em função do desejo masculino, numa dinâmica promotora de dominação. O padre enxerga feminilização e patologização em outras formas de masculinidade: “ao invés de fazer um esporte competitivo típico do sacrifício masculino”, metrosssexuais montam “músculos inúteis” para venerar-se no espelho e ser cortejados “por rapazinhos efeminados (...) que acham ele é fortão e bonitão”, pois “as mulheres não expressam o desejo” como ele gostaria.

Para Bourdieu (2010), a dicotomia masculino-ativo/feminino-passivo simboliza e produz a divisão dos papéis sociais para legitimar a dominação de gênero. Nessa ótica, o cunho misógino de desprezo a traços atribuídos ao feminino e a privação simbólica de ação para as mulheres reforça a representação da masculinidade em termos de altivez e escolha e de negação do feminino (BOURDIEU, 2010; ZANELLO, 2018). A defesa desta dicotomia em termos de sujeito/objeto do desejo leva o padre não apenas a condenar como “destruição da masculinidade” qualquer atitude masculina distante do padrão tradicional como também a insinuar nelas homossexualidade, reproduzindo processos de retaliação e silenciamento típicos da socialização na casa dos homens (WELZER-LANG 2001; ZANELLO, 2018).



Em outro trecho, o padre relaciona armas de brinquedo e exercício da masculinidade, e atribui à campanha de desarmamento um objetivo governamental de dominar e feminilizar a população, já que os homens não poderiam proteger a família. Ele afirma a ideia de “mulher indefesa” a ser protegida pelo homem e cita heróis históricos com atributos da masculinidade tradicional, como força, coragem e violência (KIMMEL 1998), em uma colaboração com pautas políticas conservadoras (DIMUCCIO; KNOWLES, 2020) no campo dos costumes e da segurança pública.

Pode-se considerar o vídeo como representante mitopoético (MÉNDEZ, 2001), com um teor conservador voltado à valorização de heróis e à defesa de um caráter natural à masculinidade. Há também aspectos do Fundamentalismo Masculino, visto a proximidade com a ultradireita, o ativismo político do padre e o proselitismo de pautas conservadoras. Para Silva (2017), a influência de lideranças religiosas cristãs no Brasil é histórica e impacta na aprovação de leis e políticas públicas, já que representantes midiáticos religiosos apoiam pautas políticas em geral conservadoras, com representantes em esferas legislativas e executivas agindo conforme doutrinas religiosas. A grande disseminação desse vídeo indica a forte resistência social a novas masculinidades, assim como a força de dispositivos institucionais e midiáticos de divulgação de valores da masculinidade tradicional.

Darwinismo Social

O vídeo “Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes“ é uma palestra ministrada por um policial militar para concurseiros na área da segurança pública. O vídeo considera inerentes às polícias valores da masculinidade tradicional como virilidade, força e status social (KIMMEL, 1998). Afirma também a dominação masculina (BOURDIEU, 2010), reproduzindo seus elementos na conduta sexual dos homens, baseada na força e imposição física, na esfera financeira, negando dividir contas com mulheres e alegando que “direitos iguais não servem para nada” e na relação amorosa, cuja duração dependeria de que a mulher estivesse em posição inferior. O palestrante diz ainda ser preciso um desempenho inferior das mulheres entre casais, inclusive com boicote ao estudo das parceiras, para que o homem não fosse humilhado na formação policial. O vídeo sugere violência psicológica contra mulheres para garantir lugar na casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), fomentando uma socialização pautada na dominação masculina no interior



das polícias.

Em outro trecho, o policial alega não ser machista por aplicar violência contra homens que batem em mulheres, desprezando o rito judicial adequado e ameaçando o infrator de inserir um dedo em seu ânus em caso de denúncia da conduta. Atua aqui o dispositivo da eficácia que nas masculinidades tradicionais pauta-se pela valorização da virilidade sexual compulsória, fundada na misoginia ao supor a objetificação sexual das mulheres (ZANELLO, 2018). Assim, a punição para questionamentos é a exposição do reclamante a uma posição de penetrabilidade, pondo-o na posição passiva e submissa associada às mulheres, atribuindo-lhe um lugar subalterno na casa dos homens e quebrando o código da virilidade tradicional, vista como inserção ativa (ZANELLO, 2018). O vídeo ilustra o fundamentalismo masculino e sua difusão alerta para os riscos da forte difusão do ideal masculinidade pautado na dominação, violência e competitividade entre forças policiais. Esse processo se dá num cenário alarmante sobre a violência, já que o Brasil tem a segunda polícia mais letal da América Latina (BUENO et al., 2019) e altos índices de violência por parceiro íntimo (ZANELLO, 2018), ensejando pesquisas sobre a relação entre masculinidade tradicional e violência policial.

O vídeo “Como ser um Macho Alfa” do canal de um *youtuber* que se autodenomina “coach de relacionamentos” e possui uma plataforma paga autointitulada “a maior escola de desenvolvimento pessoal da América Latina”, baseia-se na masculinidade como performance do “macho alpha”. O vídeo imputa a origem do termo à biologia, usa um discurso pseudo científico de dominação de certos indivíduos da espécie e interpreta como aparato biológico das espécies fenótipos como juba do leão e aspectos sociais como status e dinheiro. Descreve supostos atributos de um macho alpha enquanto elementos de atração sexual biologicamente determinados, incluindo liderança, cuidado/controle do grupo, barba e altura. O vídeo se apoia na biologia para advogar por uma dominação masculina, sem qualquer consideração sobre fatores sociais ou sobre estudos recentes da própria etologia que questionam tal lógica ao identificar indivíduos homossexuais em várias espécies e revisar relações de cooperação, competição e o papel da paternidade em sociedades animais (RAMOS; LENCASTRE, 2013).

O vídeo situa-se tanto no fundamentalismo masculino quanto no viés mitopoético (MÉNDEZ, 2001) e aponta o risco de comercialização da masculinidade tradicional ao



cruzar duas dimensões sociais: a autorrealização individualista de cunho neoliberal e a reprodução do modelo tradicional de gênero articulada à noção de darwinismo social. A ideia de liberdade e autorrealização entendida de modo utilitarista e individualista é um advento do neoliberalismo que capitalizou o sofrimento individualizando incertezas e anomias sociais, responsabilizando os sujeitos por seus destinos e criando uma indústria de modelos de vida e comportamento vendidos como fórmulas de sucesso na tentativa de resolver angústias de abandono social (BAUMAN, 2001). Para Bauman (2001), esse fenômeno se origina na desestruturação das redes de apoio social do Estado e na desarticulação neoliberal entre capital e território, que fragilizou vínculos relacionais e garantias sociais.

Já a relação entre estereótipo tradicional de gênero e darwinismo social é encontrada desde o século XIX, contemporânea à publicação de *A Origem das Espécies* (1826) de Darwin (BOLSANELLO, 1996). O darwinismo social inspirou a eugenia de Galton e difundiu-se por vários países, justificando e reproduzindo desigualdades de gênero, raça e classe, em campos como a exclusão escolar, a associação da raça negra ao alcoolismo (BOLSANELLO, 1996), o rechaço de estrangeiros, a esterilização em massa de condições indesejáveis, etc., tendo seu auge no holocausto nazista (GUERRA, 2006). Após a derrocada nazista, os termos eugenia e darwinismo social regrediram no campo científico, porém movimentos acadêmicos ainda propagam valores eugênicos travestidos de novos termos, influenciando políticas públicas (BOLSANELLO, 1996; GUERRA, 2006). Tal influxo abrange técnicas de seleção biológica e procura de doadores específicos para fertilização in vitro (GUERRA, 2006) e seleção de oportunidades sociais com base no preconceito (BOLSANELLO, 1996) fortalecendo formas mais sofisticadas de reprodução da exclusão social (GUERRA, 2006).

Tema principal do vídeo, a ideia de que as atitudes performadas pela masculinidade hegemônica são de origem biológica é abordada por Butler (2003), para quem argumentos biológicos buscam eliminar contestações à dominação social: uma vez introjetada a ideia de natural, o sujeito torna-se passivo frente às forças impulsivas da natureza. Discursos pautados em argumentos pseudocientíficos para manter as desigualdades de gênero figuram ainda como resposta aos avanços das pautas feministas (MÉNDEZ, 2001). Diante do risco de perder privilégios e da angústia gerada pela necessidade de ressignificação existencial, ocorre uma tentativa de impor e reafirmar



posturas que vêm sendo questionadas. Desse modo, o vídeo exemplifica os movimentos que muitos homens fazem à luz das críticas à masculinidade tradicional, colaborando na continuidade social do preconceito, tanto com mulheres quanto com homens de masculinidade não tradicional.

No último vídeo desta categoria, “É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem”, Ítalo Ventura, dono de canal homônimo no *youtube*, oferece dicas às mulheres para conquistar os homens com atitudes reforçadoras da masculinidade hegemônica. No site vinculado ao vídeo, Ítalo vende, entre outros itens, o “Método Mulheres de Alto Valor (MAV)”, afirmando que com ele as mulheres “passam a se conhecer melhor” e podem conquistar “a vida que sempre sonharam” junto de um homem que corresponda “a todas as suas expectativas”. O vídeo consiste numa espécie de *marketing* para venda de conteúdo, capitalizando o sofrimento das mulheres a partir de três dimensões sociais: as pressões vividas no mecanismo da “prateleira do amor” no dispositivo amoroso que encarrega as mulheres pelas relações e as coloca na necessidade de serem escolhidas por um homem (ZANELLO, 2018), os desencontros frente às transformações da intimidade com as recentes mudanças nos papéis de gênero (GIDDENS, 1993) e a lógica neoliberal de culpabilização do indivíduo por seu destino criada pela incerteza das relações líquidas em uma sociedade altamente instável (BAUMAN, 2001). O discurso de responsabilização individual na conquista amorosa como item vendável articula o dispositivo amoroso que encarrega as mulheres pelas relações (ZANELLO, 2018), a escolha do homem na “prateleira do amor” como base da valorização feminina (ZANELLO, 2018) e a lógica neoliberal de culpabilização do indivíduo por seu destino desconsiderando a influência das condições sociais (BAUMAN, 2001).

Nota-se no site e no vídeo a defesa acrítica do padrão de masculinidade tradicional, cabendo à mulher adequar-se, se instruir sobre os homens e utilizar isso para obter ganho próprio, apoiando condutas oriundas da masculinidade hegemônica. Ítalo afirma valores da masculinidade hegemônica como senso de rivalidade, competição, heroísmo, valor e virilidade (Kimmel, 1998), orientando as mulheres que “ativem” essa masculinidade “acariciando” o “ego masculino”, “colocando o desafio” como “estratégia de conquista”. Ao supostamente conquistar vencendo um adversário, o homem buscaria



ser reconhecido por outrem como temível e potente e, simultaneamente, reproduziria a posse da mulher pelo homem.

Embora o vídeo se volte a mulheres, usa a dicotomia passivo/ativo para naturalizar a construção social que atribui aos homens o aspecto ativo (BOURDIEU, 2010), cabendo à mulher a incitação sutil, pois uma atuação explícita poderia assustar o homem. Ítalo associa ainda a felicidade feminina à relação amorosa, afirmando que o encontro do parceiro amoroso seria crucial para a realização da mulher. Observa-se o “dispositivo amoroso” (ZANELLO, 2018), mecanismo social de subjetivação baseado na ideia de que a identidade e o valor da mulher seriam dados pelo parceiro amoroso e na imagem de conquistada e indefesa, gerando o que Zanello (2018) chama de vulnerabilização das mulheres. Deste modo, o vídeo perpetua valores da masculinidade tradicional numa construção ideológica de aceitação da dominação em troca de ganhos na conquista amorosa.

Desconstrução das masculinidades

Na categoria de desconstrução das masculinidades, dois vídeos são do canal Manual do Homem Moderno. O primeiro, “Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)” aconselha sobre cuidado com a aparência, higiene, problemas de saúde e abordagem de outras pessoas, a partir do que denomina princípios de comunicação não verbal, incluindo a distância interpessoal, os gestos de expressão, a atenção dada aos outros e entonação vocal. Embora o vídeo não aborde uma imagem específica de masculinidade, seus comentários remetem às mudanças recentes no padrão tradicional. A escolha temática do cuidado com a aparência e a saúde já alude à desconstrução da masculinidade, com uma mudança gradual da postura masculina quanto à vaidade, apesar da resistência de outros homens e eventual preconceito masculino quanto a ser visto como vaidoso (MAXIMO; LEITE, 2020). A linguagem adotada abrange falas de viés inclusivo de masculinidades divergentes e questionamentos à masculinidade tradicional, incluindo, por exemplo, possível interesse não heterossexual ao mencionar situações de paquera e conquista amorosa. No exemplo de um diálogo sobre tema sério, o vídeo tematiza o modo como a masculinidade tradicional impacta a saúde masculina pela ausência de autocuidado, remetendo à conhecida influência do ideal de masculinidade invulnerável como fator de afastamento dos homens do cuidado em saúde,



gerando menor expectativa de vida (OLIVEIRA et al, 2020). Assim, o exemplo permite discutir indiretamente preconceitos de gênero no campo das masculinidades.

O segundo vídeo, “Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro: Dicas do Cachorrão Vol. 10” é antigo e na primeira parte considera como atitudes maduras: aceitação de limites, paciência, responsabilidade e senso do coletivo. O apresentador indica ações mais emocionalmente estáveis, como ouvir e refletir o conteúdo de uma discussão, reconhecer erros, o autocuidado, o respeito para com outras pessoas e manejo cuidadoso diante de pessoas agressivas. A defesa da escuta, do diálogo e da compreensão dos fatos legitima o exercício de masculinidades pautadas em atitudes cuidadosas, associando indiretamente imaturidade e violência e questionando indiretamente o lugar da violência e da autovalorização no padrão de masculinidade tradicional, em que a imposição como método de solução de conflitos se torna símbolo de virilidade e status frente aos pares (KIMMEL, 1998), havendo uma busca de ruptura com a masculinidade hegemônica, atribuindo ao homem “maduro” valores anteriormente ligados ao feminino, como calma e busca pelo diálogo.

Na última parte, o apresentador responde perguntas dos internautas, havendo discursos da masculinidade tradicional em alguns trechos. Por exemplo, ao responder sobre a melhor abordagem para lidar com uma garota legal, porém ciumenta, o vídeo compara a situação com uma aventura sexual arriscada. A subjetividade da mulher é definida pela avaliação masculina e a associação da mulher ciumenta a uma experiência transitória coloca-a no lugar de objeto sexual, remetendo a uma má escolha na prateleira do amor: ela seria boa para uma aventura, porém não digna de afeto. Zanello (2018) situa o ciúme feminino em duas esferas na prateleira do amor: a insegurança gerada pelo padrão infidelidade masculina/recato feminino e aquela ligada à competição feminina pela aprovação masculina, dada a força da avaliação masculina no dispositivo amoroso. Ambas convergem para a submissão à aprovação masculina, imputando o sentido de louca às mulheres ciumentas, como invejosas e desconfiadas dos homens, muitas vezes culpabilizando-as pela infidelidade masculina na relação heteronormativa. Como o vídeo não problematiza a descrição, seus detalhes e seu contexto, tampouco a construção relacional da insegurança, do medo e sentimento de posse, a resposta se reduz ao estereótipo de mulher ciumenta como um envolvimento a ser evitado.



Em outro trecho, um internauta negro envia uma foto e pergunta se ele era o “negão mais bonito” que o apresentador viu e este mostra dificuldade em ver beleza noutro homem, em especial negro, dizendo que “bonito é meu pai e George Clooney”. Destaca-se aqui tanto a afirmação sexual do internauta quanto a resolução do *youtuber* de afastar-se do contato sexual masculino. A escolha da palavra “negão” pode ser assimilada ao apetite sexual, porte físico e proeminência do pênis, num contexto em que atributos físicos e sexuais seriam dos poucos elementos de afirmação negra na casa dos homens, denotando um preditivo de construção do homem negro tanto entre homens como para mulheres (ZANELLO, 2018). Já a resolução do *youtuber* de não reconhecer beleza no internauta associa-se à aversão à homossexualidade e à preocupação de que tal reconhecimento seja visto como feminilização diante dos pares, levando a um lugar subalterno de passividade na casa dos homens (ZANELLO, 2018). A escolha de exemplos cujo contato afetivo é distanciado da sexualidade, seja pela relação filial, seja pela distância do ator famoso, atenua ameaças à heterossexualidade.

Embora critique o machismo, a misoginia e avente atitudes mais saudáveis, como autocuidado e combate ao preconceito, a canal Manual do Homem Moderno ostenta vários temas ligados à masculinidade tradicional, tais como dicas de sexualidade misógina, lista de atrizes pornô e conexão entre masculinidade e agressividade em temas esportivos (SOARES; CHAMUSCA; FERREIRA, 2020). Há tanto elementos ligados à produção tradicional da masculinidade e quanto aspectos de abertura, ainda que incipiente, a temas de desconstrução das masculinidades, como autocuidado e diversidade de orientação sexual. Nesse sentido, o canal é um testemunho do processo de transformação das masculinidades, já que a abordagem mais contestadora do padrão tradicional e inclusiva de públicos diversos vem se ampliando progressivamente. Porém, tal inserção não realiza uma crítica mais aprofundada ao modelo de masculinidade tradicional e por vezes seu conteúdo traz elementos desta masculinidade.

A seguir, o documentário “O Silêncio dos Homens” (2019) é um projeto do grupo PapodeHomem, oriundo do site homônimo fundado em 2006 com foco no público masculino, e do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento em Florescimento Humano (Instituto PDh), braço de pesquisa da instituição. O grupo foi aos poucos dirigindo a atuação para ressignificar as masculinidades, é vanguardista no Brasil nesse aspecto e possui mais de 2 milhões de visualizações mensais e perfis em redes sociais como *Twitter*,



Facebook e *Youtube*. O vídeo se baseia em pesquisas do Instituto PdH com mais de 40.000 pessoas que analisou os impactos da conduta dos homens e recebeu apoio da ONU Mulheres por meio da Campanha Eles por Elas, focada na igualdade de gênero. Visou “furar a bolha” da masculinidade tradicional e refletir sobre seus símbolos. Embora represente um avanço ao questionar a construção tradicional dos padrões de masculinidade e suas implicações em campos como a violência (KIMMEL, 1998), o vídeo foi criticado por não expor os privilégios advindos da construção da masculinidade tradicional sobre as mulheres (ZANELLO, 2018).

O título do vídeo aborda o silenciamento, desabono e retaliação de condutas contrárias ao padrão da masculinidade tradicional como elemento do processo de socialização da “casa dos homens” (WELZER-LANG, 2001; ZANELLO, 2018). Assim, pressões dos homens entre si para performar sua “ideia infantil de homem” afirmam o lugar de dominação, silenciam dissidências e geram um quadro de “dominados pela própria dominação” (BOURDIEU, 2010), reproduzindo a dinâmica de poder que impõe papéis pré-estabelecidos a dominados e dominadores. Nessa ótica, um integrante de grupo de homens denomina “broderagem tóxica” a exigência de virilidade e potência entre homens, criticando a depreciação e silenciamento de aspectos da subjetividade não condizentes ao ideal dominador. Tal grupo visa ressignificar a dinâmica da “broderagem” como troca de afetos e intimidade, criar laços mais saudáveis ao superar a dinâmica de dominação e desconstruir mecanismos geradores de laços opressores.

O vídeo tematiza grupos masculinos que debatem novas masculinidades e sua conexão com dispositivos de produção da masculinidade tradicional, entrecruzando dominação masculina e outras esferas sociais: violência contra mulher, saúde masculina, parentalidade, questões raciais e LGBTQIA+. Discute os aparatos da socialização masculina tradicional na casa dos homens (WELZER-LANG, 2001) e seus efeitos deletérios através dos entrevistados e suas histórias. Os grupos são apresentados como facilitadores de uma maior proximidade afetiva em relações de apoio entre homens. O vídeo apresenta traços tanto do movimento pró-feminista (MÉNDEZ, 2001), já que dialoga com pautas feministas, quanto do Movimento das Terapias da Masculinidade Méndez (2001), com grupos de apoio independentes.

Entre os grupos exibidos, há iniciativas individuais e os apoiados por empresas



privadas, alguns com suporte do Instituto PdH, dando diretrizes para formar grupos sobre masculinidade no Brasil, sendo possível a vinculação voluntária à Campanha Eles por Elas. Não há nenhum grupo com apoio ou vínculo a órgãos de políticas públicas, embora Freitas, Oliveira-Machado e Scarparo (2012) apontem a relevância do trabalho com grupos de homens em dispositivos estatais de saúde para que a ressignificação masculina contribua na saúde dos homens e das relações familiares, sobretudo ao reduzir a violência doméstica. Constam no vídeo os grupos: PrazerEle, trabalhando sexualidade e novas masculinidades; Workshop Plano de Menino, que conscientiza adolescentes sobre feminismo e masculinidades; Homens Possíveis, evento anual sobre ressignificação da masculinidade; Homens em Conexão, sobre empatia nas relações masculinas; Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA) que apoia agricultores em nível pessoal, socioeconômico e de papéis familiares; Podcast Afropai, Balaio de Pais e Projeto Homem Paterno, todos voltados à partilha e reflexão sobre paternidade; Lá da Favelinha, voltado a homens de populações comunitárias; Roda Sobre Masculinidades Negras oferecendo apoio para homens negros e Tempo de Despertar, realizado por uma promotora junto a homens autores de violência doméstica. A presente análise enfocará dois exemplos, considerando-se a extensão dos temas e os objetivos do trabalho.

No grupo Tempo de Despertar, realizado por uma promotora, a reincidência da violência contra a mulher caiu de 65% para 2% entre os homens que dele participam. Nesse trecho, o vídeo discute a construção social do masculino e seus impactos na violência pelas histórias desses homens. Um deles, usuário de drogas e praticante de violência de gênero, relata profundas mudanças no modo de viver a masculinidade e as relações com o debate do grupo, que integra após intimação judicial. A recusa inicial mostra a preocupação masculina com uma suposta invulnerabilidade, já que a receptividade seria considerada fraqueza. A promotora refere leniência institucional quanto à violência contra a mulher, pois a impunidade é recorrente e a reincidência é alta. O fato corrobora as análises (ZANELLO, 2018) que identificam influências da dominação de gênero nos modos de produção, leis, instituições e estruturas sociais em geral. No campo jurídico, a ideia historicamente presente da mulher como propriedade masculina justificou por vezes a violência e submissão feminina. Apesar de avanços em diversos campos, tais fatores ainda estão presentes, limitando a efetividade de ações contra a desigualdade de gênero.



O vídeo toma os aspectos de masculinidade hegemônica, suposta invulnerabilidade e aversão à demonstração de emoções como fortes preditores de sofrimento masculino, em situações como violência, suicídio e uso de álcool e drogas. Outro tema de discussão é a crítica à organização doméstica historicamente atribuída à mulher, substituindo falas como “eu tô ajudando ela” para “eu moro ali, a obrigação é minha também”. Nesses trechos, aborda-se a desconstrução do sentido linguístico da divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2010) baseada em traços simbólicos legitimadores da dominação. Nesse sentido, o silêncio característico da masculinidade hegemônica ocorre em quatro esferas coexistentes: ausência de discussão sobre a construção social da masculinidade, invisibilização do afeto e foro íntimo, uso da violência e não do diálogo como forma de resolução de conflitos e ausência de questionamentos sobre o lugar subalterno dirigido às mulheres. Assim o documentário aborda experiências referentes a novas masculinidades articulando-as aos dados sobre os efeitos sociais da socialização na masculinidade tradicional. Todavia, não aborda a responsabilidade pela produção da dominação e violência de gênero, cuja cumplicidade entre homens é fator relevante em sua continuidade (KIMMEL, 1998).

Produtos culturais

O vídeo “A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine” analisa os personagens masculinos da série homônima e o modo como sua construção choca-se com a masculinidade tradicional. O vídeo, do canal EntrePlanos, é apresentado, roteirizado e idealizado por Max Valarezo e voltado para a crítica de obras de mídia visual, sobretudo filmes, utilizando obras da cultura pop tanto para explicação didática do universo técnico audiovisual como para o debate, reflexão e educação de questões sociais, culturais e históricas abordadas no cinema.

Valarezo (2018) afirma que a série de comédia aborda o cotidiano de uma delegacia policial em Nova York e subverte “clichês sobre policiais, minorias raciais e mulheres”. Ele destaca como mérito da série a “mudança nas representações midiáticas sobre o que significa ser um homem” e aborda brevemente o termo masculinidade tóxica, ligando-o ao padrão masculino tradicional, que deve ser “dominador com as mulheres”, “competitivo com outros homens” e “jamais demonstrar sentimentos ou fraqueza”.



Associa então a masculinidade tóxica ao machismo e à homofobia, mostrando imagens de produções que perpetuam esse estereótipo. Valarezo afirma ainda que a série mostra, por meio de seus personagens masculinos, que “é possível ser homem” sem reproduzir tais condutas, analisando-os a seguir.

Valarezo (2018) analisa o protagonista, detetive Jake Peralta, afirmando que de início ele baseava sua masculinidade no “machão descolado que resolve todos os problemas sozinho”, porém a série desconstrói tal ideal no desenvolvimento do personagem. Por exemplo, ao apaixonar-se pela detetive Santiago, Peralta não busca vigiar, bajular ou pressioná-la a aceitá-lo, mas apenas diz a ela como se sente e respeita sua decisão. Assim, a conquista é baseada no diálogo, convívio e respeito, que se reapresenta quando ela decide prestar uma promoção para sargento e ele a ajuda a estudar, apoiando-a ainda quando ela se torna sua chefe. Na análise do personagem Terry Jeffords, sargento que nos primeiros capítulos teme voltar a campo após se tornar pai e realiza serviços administrativos, Valarezo afirma que apesar do porte físico próximo da figura do herói, o personagem tem como atributo principal a expressão de afeto às filhas, com várias cenas que o mostram como pai cuidadoso e dedicado à família, preocupado com a saúde, a vaidade e afetivamente próximo aos colegas, com gestos carinhosos.

Analisa-se a seguir o detetive Charles Boyle, compreendido como disruptivo dos papéis de gênero tradicionais ao performar expressões de gênero tidas como femininas: gosto por gastronomia, coreografia de músicas pop e apoio emocional ao filho. Segundo Valarezo, Boyle “não se importa com o que os outros pensam” ao exprimir com segurança tais gestos e interesses. Já o capitão Ray Holt é considerado mais um indício do cuidado da série ao representar a masculinidade, já que figura a maior autoridade da delegacia sendo negro e assumidamente homossexual. Para o autor, tanto homossexualidade quanto raça são aspectos importantes do personagem, integrando suas motivações na conquista do cargo. Valarezo afirma que o personagem é bastante racional e de difícil leitura emocional, o que considera uma abordagem “genial” por fugir de estereótipos e deixar claro que a homossexualidade não o desqualifica como homem. O vídeo destaca que nenhum protagonista masculino segue o estereótipo tradicional de masculinidade e por fim analisa a relação entre os personagens. Afirma que várias cenas expõem amizades entre homens e mulheres e situações de apoio mútuo, contrapondo-se a estereótipos de mídia que pautam a relação entre homens e mulheres no interesse sexual e a relação entre



homens na competitividade.

Para Valarezo, as personagens dialogam com a problematização da masculinidade hegemônica e seu modo de inserção na série permite abordar masculinidades alternativas como naturais e não apenas restritas a um grupo ou pauta política. Valarezo enaltece o que considera a assimilação das novas masculinidades como algo comum, já que a masculinidade não consiste no tema principal da série, podendo ser tematizada a partir das próprias atitudes dos personagens. Para ele, esse processo de naturalização das novas masculinidades permite ao público tomá-las como algo que deveria estar no cotidiano da sociedade.

A fidedignidade da análise de Valarezo sobre a série foge ao escopo deste trabalho, todavia observa-se que o vídeo construiu um discurso questionador das masculinidades tradicionais e apresenta alternativas a essas masculinidades, ressaltando a expressão afetiva e a construção de alternativas não violentas para as relações interpessoais masculinas. Nessa crítica cultural, destacam-se as atitudes de apoio mútuo, expressão de afeto e construção de relações saudáveis entre homens em contraposição a condutas de violência, imposição, competitividade e dominação associadas à masculinidade tradicional (KIMMEL, 1998). Nesse sentido, a análise dos personagens os antagoniza com a lógica da casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), pois valoriza-os do personagem não pela aprovação de outros homens a performances ligadas à dominação, mas por sua sensibilidade e diálogo.

Sendo o canal EntrePlanos voltado a um público interessado em obras audiovisuais, a abordagem de questões de gênero sinaliza tanto uma escolha do autor quanto a divulgação do tema a pessoas que poderiam ter pouco contato com ele. Os discursos sobre a masculinidade, abordados via análise de uma série, são apoiados num debate sobre a relação entre cultura e comportamento. Nesse contexto, a breve introdução de conceitos ligados aos estudos da masculinidade articula análise social e indústria cultural, com um tom entre o didático e a crítica cultural e voltado ao público em geral. Nesta articulação, Valarezo busca evidenciar que a ressignificação dos papéis de gênero e da masculinidade trazida como pano de fundo de uma obra pode atuar positivamente na assimilação dessas novas referências.

O fato de o vídeo possuir quase 600.000 visualizações demonstra que obras



populares podem colaborar para o debate sobre questões de gênero. Nesse sentido, somente é possível desconstruir enquadres anteriores via novas performances de gênero que permitam superar a dicotomia excludente entre masculino e feminino (BUTLER, 2003). Porém, esse processo requer atenção ao risco de esvaziar aspectos de dominação e hierarquias de gênero ainda presentes (CASADEI, 2020). A série e o vídeo de Valarezo trazem ainda um tema emergente no estudo das transformações da masculinidade: sua relação com o consumo de mercado, que vem também criando produtos voltados a novas construções identitárias (CASADEI, 2020).

Outro vídeo desta categoria é “A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão”, hospedado no canal Leo Hwan e apresentado por ele. O canal analisa obras da cultura pop articulando-as com temas sociais, como masculinidade, preconceito, racismo, entre outros, exibindo o slogan “Cultura pop, Representatividade Masculinidades” e a descrição “Porque não há problema em sentir coisas. E ser quem você é.” Há nele duas listas de conteúdo que abordam a masculinidade como foco principal: “Masculinidade: vamos redefinir a masculinidade!”, com 24 vídeos, e “Entendendo masculinidades, minissérie sobre a teoria por trás das masculinidades” com 4 vídeos. Ambas abordam aspectos das representações sobre as masculinidades, como interesse amoroso, paternidade, sofrimento, coragem, virilidade, raiva, etc, indicando uma atividade recorrente sobre o tema.

A obra analisada, “Como treinar seu Dragão”, é uma animação baseada na cultura viking, num local habitado por dragões tidos como inimigos dos humanos e é utilizada para refletir sobre a masculinidade tradicional num paralelo com a sociedade. Um garoto, Solução, deve enfrentar um dragão para ser reconhecido pelo clã, mas acaba se aproximando dele, compreendendo as razões pelas quais sua vila é atacada e auxiliando o dragão enquanto convence os habitantes da vila a aceitá-los. Leo Hwan começa discutindo como heróis da cultura pop são comumente atrelados à masculinidade tradicional e construídos associando coragem ao confronto, em geral violento, de um antagonista. A seguir, define o personagem Solução como tendo uma “masculinidade subversiva”.

Leo Hwan expõe um trecho inicial do filme, em Solução pensa que, ao matar o dragão, obteria uma namorada, respeito e admiração do pai e da tribo, reproduzindo traços de outros heróis e atributos da masculinidade tradicional. O autor apresenta a “jornada do herói”, em que aspectos de “coragem” e “aventura” atribuem ao homem o ambiente



externo em oposição ao doméstico e delegam-lhe o domínio sobre as adversidades, remetendo aos dispositivos de eficácia (ZANELLO, 2018), à divisão sexual do trabalho (BOURDIEU, 2010) e à descrição da masculinidade hegemônica Kimmel (1998). Hwan associa assim as imposições do ideal de conduta viking às imposições de conduta aos homens nas sociedades ocidentais. Todavia, Solução não derrota o antagonista dragão, mas o compreende e se alia a ele, mostrando-se contrário ao ideal viking e tentando instituir novas formas de ser *viking* (homem) junto a seu pai e aos habitantes da vila. Hwan salienta que tanto o diálogo com a aldeia quanto a solução criada por Solução exigem coragem para mudanças sociais e desconstrução da voz dominante, em detrimento da dominação do “vilão” pelos heróis usuais, constituindo uma masculinidade subversiva. Assim, Leo Hwan visa demonstrar como o personagem Solução apresenta sua coragem e masculinidade, não matando o dragão para provar que é *viking*, mas subvertendo as regras sociais para admitir seus medos, se tornar amigo de um dragão e superar conflitos.

A ideia de uma prova a ser cumprida para que Solução seja considerado viking remete às práticas ritualísticas de passagem da infância para o mundo adulto que reafirmam o poder masculino e seu papel ativo, segregando as mulheres (WELZER-LANG, 2001; BOURDIEU, 2010). Zanello (2018) discute a virilidade laborativa como aspecto do dispositivo da eficácia, em que status social e potência laboral tornam-se afirmações de masculinidade, ilustrada pela caça aos dragões delegada aos homens. O modo como são ensinados e cobrados os valores vikings pode ser comparado à dinâmica da casa dos homens (WELZER-LANG, 2001), com a cobrança e medo da exclusão por performances divergentes. Nesse sentido, a coragem de Solução concerne à disposição para quebrar o “verdadeiro silêncio dos homens” (ZANELLO, 2018): a omissão frente a uma produção identitária que privilegia um padrão e violenta divergências, no filme representadas pelos dragões. Seria, portanto, a coragem de renunciar o papel dominador em nome de relações igualitárias. Leo Hwan afirma que esta é mais ampla do que lidar fisicamente com o vilão e que podemos ser heróis em nosso contexto ao ter um comportamento empático, expressar sentimentos, companheirismo e diálogo com o diferente.

O foco de Hwan na expressão de afeto dialoga com o conceito de embrutecimento dos homens (ZANELLO, 2018) em que o silenciamento de sentimentos masculinos acaba



por valorizar a violência como forma de expressão. Ao defender expressões de afeto e empatia como atributos positivos aos homens, o apresentador apoia o rompimento, proposto no filme segundo sua análise, da lógica de desqualificação da afetividade dos homens com outras pessoas. Considerando as mais de 400 mil visualizações do vídeo analisado e a prolífera produção de vídeos sobre masculinidades do canal, pode-se considerá-los representantes de movimentos socioculturais que debatem novas masculinidades.

Considerações finais

O panorama dos dados demonstra que a inserção dos discursos sobre masculinidade no *YouTube* é relevante e atinge um grande número de pessoas, já que na ocasião da coleta de dados havia 146 vídeos com mais de 90.000 visualizações e os dez vídeos analisados somam 8.819.804 visualizações. A grande repercussão de vídeos que afirmam a masculinidade tradicional pode apontar impactos ainda desconhecidos sobre a manutenção das relações tradicionais de gênero e dos problemas por ela acarretados, tais como desigualdades de acesso em áreas como trabalho e educação e reprodução da violência de gênero. Há assim um campo significativo de pesquisa sobre a reprodução das noções de gênero na cultura digital.

Encontramos quatro vídeos defensores da masculinidade tradicional, cinco críticos a ela e um intermediário, misturando traços de novas masculinidades e do padrão tradicional. Porém, a masculinidade tradicional possui público muito maior (5.566.072 visualizações) quase o dobro dos vídeos de crítica a essa masculinidade (2.804.675 visualizações). Os vídeos indicam a necessidade de atenção para a produção de discursos sobre gênero na cultura digital. Já os números expressivos de visualizações dos vídeos de cunho religioso reforçam a relevância de entidades religiosas tradicionais na formação histórica das masculinidades, bem como os comentários desativados de ambos reforçam seu caráter doutrinário.

Observa-se uma associação entre visões tradicionais de masculinidade e instituições nas quais essa imagem é importante, como denominações religiosas, instituições de segurança pública e mesmo campos ligados ao sucesso financeiro, enquanto o questionamento da masculinidade tradicional aparece em vídeos mais ligados à cultura. Nesse sentido, observa-se um “comércio de masculinidades”, seja através da



comercialização de cursos com a premissa de conquistas no âmbito social, laboral e amoroso, seja em produtos culturais como filmes e séries. Há também uma conexão relevante entre vídeos voltados à masculinidade tradicional e o campo político da direita e ultradireita, tanto nos costumes quanto nas políticas públicas.

Os vídeos foram produzidos por agentes da sociedade civil, o que aponta o pouco alcance do Estado no tema, dado relevante quando pensamos a importância das redes sociais e os dados brasileiros preocupantes sobre desigualdade de gênero em campos como violência doméstica, desigualdade salarial, suicídio masculino, precariedade do cuidado masculino em saúde, entre outros. Aponta-se assim a presença de políticas públicas voltadas às relações de gênero e seus impactos no desenvolvimento humano em áreas como educação e saúde.

No desenvolvimento de pesquisas, há que se compreender a influência dos algoritmos, que tendem a reproduzir conteúdos acessados pelo internauta, bem como a relação entre esses acessos e outros fatores sociais, como mobilização de instituições, empresas, outras mídias, aportes financeiros e o poder econômico de influenciadores importantes nas redes sociais. O papel relevante das redes sociais na criação e divulgação dos discursos contemporâneos mostra ainda a importância de se estudar a influência das redes sociais nos novos rearranjos sociais, seja para observar novas composições das masculinidades, seja para analisar respostas da masculinidade tradicional. Nesse sentido, o trabalho aponta a necessidade de aprofundar saberes sobre a divulgação de discursos de gênero na internet, bem como refletir e construir estratégias no manejo nas políticas públicas, ainda pouco presentes nesse campo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, G. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião & Sociedade**, v. 39, n. 3, p. 173–196, set. 2019.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.
- BOLSANELLO, M. A. "Darwinismo social, eugenia e racismo" científico": sua repercussão na sociedade e na educação brasileira. **Educar**. n. 12, 153-165, 1996.
- BOTTON, F. B. As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica. **Revista Vernáculo**, v. 1, n. 19 e 20, p. 109-120, 2007.
- CADERNOS PET, V. 14, N. 27 ISSN: 2176-5880



<http://dx.doi.org/10.5380/rv.v1i19/20.20548>

- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Trad. Maria H. Kühner. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 8.
- CARRIGAN, T.; CONNELL, B.; LEE, J. Toward a New Sociology of Masculinity. **Theory and Society**, v. 14, n. 5, 551-604, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/657315>. Acesso em: 01 jul., 2023.
- CASADEI, E. B. Novas masculinidades, afetos positivos e consumo. A reiteração da palavra masculinidade no Jornal do Brasil de 1970 a 2010. **Educação, Cultura e Comunicação ECCOM**, v. 11, n. 21, 2020.
- CREATORS, Y. **Como a pesquisa do YouTube funciona**, Youtube, 29 ago. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/gTrLniP5tSQ>. Acesso em 22 set. 2020.
- DIMUCCIO, S. H.; KNOWLES, E. D. The political significance of fragile masculinity. **Current Opinion in Behavioral Sciences**, n. 34, p. 25-28, 2020.
- FERRO, A. P. R. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, n. 5, 2179-9636, 2015.
- FREITAS, B. I.; OLIVEIRA-MACHADO, R.; SCARPARO, H. B.K. Masculinidade em xeque: reflexões sobre uma experiência em grupo de homens. **Diaphora Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, v. 1, n. 1, p. 114-120, 2012.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. M. Lopes, Trad. São Paulo: UNESP, 1993.
- GOLDENBERG, M. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 91-96, 2005.
- GUEDES, E. **Aprenda a ser um Homem de Verdade - Evandro Guedes Motivação**, YouTube, 19 mar. 2019. Disponível em: https://youtu.be/-c_OXwBZyhs. Acesso em: 01 jul., 2023.
- GUERRA, A. T. M. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. **Ciência e Cultura**, n. 58, v. 1, p. 4-5, 2006.
- HWAN, L. (ed.). **A Masculinidade Subversiva de Solução em Como Treinar o seu Dragão**, YouTube, 23 abr. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/f3TKQvpLysE>. Acesso em 04 out. 2020.



- IGREJA UNIVERSAL. I. **3 palavras que não devem ser ditas a um homem.** Igreja Universal. 2014. Disponível em: <https://youtu.be/Ag6VASid5Xo>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.
- MAXIMO, A. R.; LEITE, R. S. Sou homem com H! O movimento migratório do consumo de produtos de beleza. **Consumer Behavior Review**, v. 4, n. 1, p. 19-37, 2020.
- MEAD, M. **Sexo e Temperamento: em três sociedades primitivas.** Trad. Rosa Krausz. São Paulo: Perspectiva, 2000. (Obra original publicada em 1935).
- MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, v. 16, n. 3, p. 809-840, 2008.
- MÉNDEZ, L. B. Los varones frente al cambio de las mujeres. **Lectora**, v. 4, 2001.
- MÉNDEZ, N. P. Do lar para as ruas: capitalismo, trabalho e feminismo. **Mulher e trabalho**, n. 5, p. 51-63, 2011.
- MANUAL DO HOMEM MODERNO. **Como deixar de ser infantil e se tornar um Homem Maduro - Dicas do Cachorrão Vol. 10**, Youtube, 4 fev. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kb-kx93whSA>. Acesso em 30 de Setembro de 2020.
- MANUAL DO HOMEM MODERNO. **Como ficar mais bonito (E ser um homem menos feio em 9 truques simples)**, Youtube, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/ZLIJbs0g6QU>. Acesso em: 30 de set. 2020.
- MOTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. (2014). A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **E-Compós**, v. 17, n. 3, 2014.
- NOLASCO, S. **O Mito da Masculinidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- OLIVEIRA, R. T. V., et al., (2020). Prevenção do câncer de pênis e a valorização da saúde do homem. **Brazilian Journal of health Review**, v. 3, n. 2, p. 1527-1530, 2020.
- OLIVEIRA, C. R.; PICHLER, N. A.; CANABARRO, R. **Filosofia e homoafetividade.** Passo Fundo: Méritos Editora, 2012.



- PAPODEHOMEM. **O silêncio dos homens, Documentário completo**, YouTube, 29 ago. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/NRom49UVXCE>. Acesso em: 30 set. 2020.
- RAMOS, C. M.; LENCASTRE, M. P. A. O feminino e o masculino na etologia, sociobiologia e psicologia evolutiva: Revisão de alguns conceitos. **Psicologia**, v. 23, n. 2, p. 33-61, 2013. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.421>
- RICARDO, P. P. **Masculinidade: o que está acontecendo com os homens?**, YouTube, 12 nov. 2012. Disponível em: <https://youtu.be/6WyVLNjNZy4>. Acesso em 4 out. 2020.
- SANTOS, W. B.; CASTEJON, M. Corpo e masculinidade: subjetivação, objetivação e risco de suicídio. In: PRATA, V.; MILANEZ, N. (orgs.). **Filosofias do suicídio: quando o corpo tem vez**. (Orgs.). Vitória da Conquista: Labedisco, p. 118-136, 2016.
- SILVA, L. G. T. Religião e política no Brasil. **Latinoamérica. Revista de Estudios Latinoamericanos**, n. 64, p. 223-256, 2017.
- SILVA, S. A. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 2, p. 339-342, 2015.
- SOARES, J., CHAMUSCA, T., & FERREIRA, T. Disputas no youtube: mapeando masculinidades através do canal manual do homem moderno. **Esferas**, n. 19, p. 54-62, 2020. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i19.12372>
- VALAREZO, M. M. (ed.). **A Saudável Masculinidade de Brooklyn Nine-Nine**, YouTube, 13 dez. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/WILfDC3QaSc>. 25 set. 2020.
- VENTURA, Í. **É assim que Mulheres Inteligentes Ativam a Masculinidade de um Homem**. YouTube, 27 de dez. 2017. Acesso em 06 de Outubro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/pwCqQNvhasg>. Acesso 06 dez. 2020.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 460-482, 2001.
- ZANELLA, E. D. Masculinidade e Consumo de Bebidas Alcoólicas: A Construção de Maneiras de Beber. **Ponto Urbe**, v. 9, 2011. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1820>.
- ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba. Editora Appris, 2018.